

© DC / SPA / SGAE / Société Générale (Gèneve)

Número de Registro SGAE 9761097

SGAE MEMBERSHIP 97738

Brazilian original play ISBN: 978-85-8245-058-1

OS DIAS SECRETOS DE ORSON WELLES NO BRASIL[©]

ou

Xanadu, no limite da criatividade

ou

No inalcançável das coisas

**Peça de teatro de
DOC COMPARATO**

Terceira peça da trilogia da imaginação.

Rio de Janeiro / Copacabana / Julho / 2013

Esta peça é inteiramente de ficção e conta a história dos dias secretos de Orson Welles no Brasil. Trata-se portanto da visão pessoal de DC sobre a figura do cineasta seminal do século XX.

Para o novo mundo da imaginação.
Para os meus netos.

DC, 2013

©
OS DIAS SECRETOS
DE O. W. NO BRASIL

DC

AVISO:

**ESTA PEÇA CONTÉM CENAS
IMPRÓPRIAS PARA MENORES.**

Lendo o Teatro de Doc Comparato

Antigamente os editores fugiam de certos tipos de livro porque diziam que não vendiam: teatro, poesia, biografias... Com o e-book isso tudo mudou. Todos os gêneros são bem-vindos. E resolvemos investir em dramaturgia, na obra teatral do dramaturgo Doc Comparato.

Ela é bem diversificada, pois o autor rodou o mundo e viveu em diversos países. Seu livro sobre roteiro é utilizado em vários idiomas. E seu teatro?

Ele dividiu seu trabalho em três trilogias: **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: *Plêiades*, *O Beijo da Louca*, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e *O Despertar dos Desatinados*, texto inédito até hoje.

Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: *Nostradamus*, *Michelangelo* e *O Círculo das Luzes* – todos os textos encenados no Brasil e na Itália.

Nostradamus recebeu o prêmio Anna Magnani.

Sua última trilogia, a da **Imaginação**, é formada por seus últimos trabalhos, que consistem em textos inéditos escritos recentemente. E é justamente por aí que vamos começar. Pelos mais novos trabalhos do dramaturgo. As peças são: *Sempre*, *Jamais* e *Eterno*. Com uma capacidade imagética impactante, ele nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Vale a pena ler e imaginar o espetáculo.

Fora as trilogias, Doc possui **outros textos** que vamos incluir nesta primeira leva de edições digitais. A peça infantil *A Incrível Viagem*, *Lição N.º 18* e *A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China e Outras Histórias*.

Antes de terminar é bom lembrar que este material é licenciado somente para leitura.

Bom espetáculo!

Copyright Warning

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Advertência

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: <http://www.sgae.es>
E-mail: v.santiago@sgae.com.br

ABRAMUS – Site: WWW.abramus.org.br
E-mail: guilherme.amaral@abramus.org.br

ÍNDICE GERAL

1 – INTRODUÇÃO

2 – NOTAS INICIAIS

3 – COMEÇA O ESPETÁCULO

4 – ÍNDICE DAS CENAS

5 – TEXTO TEATRAL

6 – TERMINA O ESPETÁCULO

7 – ANEXOS:

- Depoimento de Doc Comparato
- Biografia sumária de O.W.
- Currículo de Doc Comparato

INTRODUÇÃO

Se alguém espera encontrar neste texto teatral uma biografia sobre O.W., está redondamente enganado. Aliás, existe extenso material biográfico ao alcance de qualquer pessoa.

Em todo o caso, seria bom recordar que apenas com seu primeiro filme, *Cidadão Kane*, O.W. transforma a linguagem audiovisual para sempre.

O mundo vivia os horrores da Segunda Guerra Mundial, enquanto O.W. impactava as artes fazendo do *flashback* uma das linguagens do cinema.

O *flashback* transforma a memória do personagem em ação, em uma cena ao vivo, torna o abstrato em algo encenado e real.

Atualmente, mais de cinquenta anos depois, o recurso do *flashback* é utilizado até em desenho animado.

Estamos tão introjetados dele que já aceitamos, sem contestar, que a memória do personagem se torne ação e, portanto, “verdade e vida”.

O.W. sofisticou o pensamento do tornar “o abstrato de um ser inventado” em algo encenado e efetivo. Seria assim como a visão do “abstrato do abstrato”. O passado “inventado” do personagem “inventado” passando como se fosse o presente do personagem “inventado”. Tudo “inventado” e espelhado. Criatividade pura.

A guerra se foi, mas o *flashback* ficou.

Naquela época a maioria da plateia não entendia o filme de O.W., apesar de perceber que atrás daquele truque existia uma ferramenta duradoura para se contar um filme.

E no auge da glória e da incompreensão, o improvável acontece.

Tinha 28 anos e resolve filmar sua terceira obra-prima no Brasil. Um país esquecido e remoto em 1942.

O filme se chamaria *Tudo é Verdade*, e O.W. queria um filme realista, bem distante da ficção desvairada dos trabalhos anteriores.

Chegou ao Brasil como uma celebridade planetária e saiu enxotado. O filme que rodou nunca foi terminado. Existe em pedacinhos.

Acidentes e incidentes marcaram sua passagem pela costa do Brasil. Um dos atores do filme, um jangadeiro, se afogou em suas filmagens.

Mas não vou contar nada disso. A peça vai nos remeter para os dias secretos de O.W. nas praias atlânticas. Nas dunas de um lugar que parecia um paraíso.

Durante as filmagens, assim contam os livros, O.W. desapareceu com um *jeep* pelo litoral. Sumiu dois dias. Queria se aliviar de tanta tensão, pode ser.

O certo é, como ele mesmo afirmou, sua vida foi sempre ao contrário: “Começou pelo topo e depois foi pela ladeira abaixo.”

“Sou um gênio que perdeu o talento”, declarou ao deixar o Brasil.

Talvez. Tudo é possível. Porque se escrevemos até agora verdades e fatos da vida de O.W., a partir deste instante não cairemos em mentiras, mas no luminoso e obscuro campo da imaginação, no qual tudo é possível se credível.

O que teria acontecido de verdade durante seu desaparecimento? Resposta: nem mentiras ou muito menos verdades, só uma torrente de especulações. Só imaginação. Bem ao estilo O.W.

Bem-vindos ao teatro.

Bem-vindos ao espetáculo.

NOTAS INICIAIS

A PEÇA

Acontece nas areias do Ceará. Estamos em 1942 e no Nordeste do Brasil.

A CENOGRAFIA

Somente três componentes: a areia, o céu e uma língua de água.

Observar que o céu é um fundo infinito, onde podem ser projetadas sombras ou emitidas imagens. A escolher.

A cenografia pode ser simples (a língua de água feita de um tecido largado no chão), ou complexa. Dependerá da visão da direção e da capacidade da produção. As opções são múltiplas e variadas.

OS PERSONAGENS

São seis:

- 1- Orson Welles, o cineasta (homem jovem)
- 2- Madalena, a moça (jovem)
- 3- Miguel, o pai (homem maduro)
- 4- Malaquias, o guia (homem maduro)
- 5- Eva, a mãe (mulher madura)
- 6- Bento, o rapaz (jovem)

Nota: os personagens não falam com sotaque nordestino carregado ou cearense. Falam um português límpido, tipo o do Maranhão.

LUZ E ADEREÇOS

São fundamentais e estão marcados no texto. A música é também indicada.

COMEÇA O ESPETÁCULO

Ao entrar no teatro, o espectador se depara com uma exposição sobre as filmagens de Orson Welles no Brasil em 1942.

São cartazes, imagens, notícias de jornais ou até vídeos com trechos. Enfim, trata-se de uma pequena exposição de um filme que ele nunca concluiu.

O importante é que fique ressaltado que era um documentário bem diferente do seu estilo de filmes de ficção. As filmagens foram confusas e inclusive um pescador morreu afogado. O filme iria se chamar “That’s All True” e ele iria filmar o mundo simples dos pescadores. Ele chegou ao Brasil como uma celebridade e saiu enxotado.

DC

ÍNDICE DAS CENAS

1. **Cena do Ovo Selvagem. (amanhece)**
2. **Cena do Cavalete. (dia)**
3. **Cena da Tempestade. (dia)**
4. **Cena da Esteira de Palha. (dia)**
5. **Cena do Charuto. (tarde)**
6. **Cena do *Whisky*. (tarde)**
7. **Cena do Fogo. (noite)**
8. **Cena do Cacto. (noite)**
9. **Cena da Lua. (noite)**
10. **Cena da Rede. (noite)**
11. **Cena da Cabeça. (madrugada)**
12. **Cena do Coqueiro. (amanhece)**
13. **Cena da Jangada. (dia)**
14. **Cena da Faca. (dia)**
15. **Cena da Cidade. (noite)**

ETERNO

*(Tudo escuro.
Abre o pano.)*

CENA 1

CENA DO OVO SELVAGEM (Borda da água / Dunas / Ceará / 1942 / Amanhece)

(Luz ganha intensidade.)

(Amanhece.)

(Madalena, tal moça brejeira vestindo um encorpado vestido de chita, molha e lava três ovos grandes de alguma ave selvagem. Ela está de cócoras.)

(A água brilha e reflete, parece espelhada.)

(Instantes.)

(Da bruma e da penumbra nasce a luz que delinea um cavalete de pintor, espetado no topo de uma das dunas de areia.)

(Ela segue distraída limpando os ovos, enquanto a presença do cavalete vai tomando corpo até reinar sobre a paisagem cenográfica.)

(Enfim ela se vira e enxerga o cavalete suspendendo uma tela sem que se veja a pintura.)

(Os ovos são largados.)

(Madalena perde a respiração. Fica estarecida, vai se aproximando do cavalete como se fosse um totem, algo divino.)

(Instantes.)

(Existe medo e admiração.)

(Poço de êxtase e surpresa, o dedo de Madalena por fim toca com cerimônia o cavalete como se fosse um objeto sagrado. Um ídolo.)

(A encenação deve ser plasticamente esplêndida.)

(Cheia de energia grita enquanto chama.)

MADALENA

Pai. Pai... Pai! Pai!

(Instantes.)

(Tudo escuro.)

CENA 2

CENA DO CAVALETE

(Dunas / Céu com fundo infinito / Lâmina de água / 1942 / Dia)

(Luz retorna em dia no céu e na terra.)

(A lâmina de água fica azulada como o mar.)

(Com o cavalete no centro, vemos Miguel, o pai, Eva, a mãe, os filhos Bento e Madalena admirando em roda o exótico objeto.)

(Lembrar que estamos nos trópicos e que as cores são fortes, intensas e amplas.)

(Também que faz calor e as roupas são simples. Calções, camisetas, camisas brancas, vestidos de chitas.)

(A vestimenta simples não tem por que não ficar elegante. Aliás, estamos em 1942. No ápice da moda tropical.)

(O grupo em círculo admira entre perplexidades o cavalete de pintor.)

(Instantes.)

(Alguém quebra o silêncio.)

MADALENA

Não disse. Um cavalete de pintor e tudo. Tem tinta e pincel.

MIGUEL

Não sou cego.

MADALENA

Posso experimentar pintar, pai?

MÃE

Ouve seu pai, Madalena. Madalena. Isto deve ser dos forasteiros acampados do outro lado da ribeira. Melhor não tocar.

(Silêncio.)

PAI

Isto é um cavalete. De pintor. Não é máquina de fazer filme, porque máquina fotográfica conheço.

(Pai se aproxima de Eva.)

PAI

O que foi que o Bento disse? Diga, mulher. Ele sonhou com quê?

BENTO

Não sonho, pai. É uma voz que escuto.

PAI

Repete. O que disse a voz?

(Silêncio.)

(O pai é imprevisível de humor. Subitamente se torna irritadiço.)

PAI

O que disse a voz?!

BENTO

Que quando Madalena pintasse sua figura no pano branco, tudo iria mudar.

PAI

Pintar o semblante no pano branco?

BENTO

É.

PAI

E o que mais?

BENTO

Seria então que...

(Mãe interfere.)

(Pai se acalma.)

MÃE

Não. Miguel, me escute: somos uma família de pescadores, não há razão para se atormentar. Somos o que somos, meu marido. E levamos nossa vidinha... Como dói minha mão... Ai, minha mão dói. Olha a ferida.

(Mãe mostra a mão com o curativo.)

PAI

Sou só um pescador que quer ter uma vida tranquila de homem igual aos outros, Eva. De repente tenho um filho que ouve vozes do Eterno!

MÃE

Vozes não! Fala com Deus.

(Silêncio.) (Instantes.)

BENTO

Assim que o pai se prepara...

MADALENA

Porque o tio Malaquias vai chegar. Vai vir sim.

MÃE

Não entendo tanto ódio de família...

MADALENA

O que tio Malaquias vem fazer aqui?

PAI

É. O que vem o Malaquias fazer aqui? Neste fim de mundo? O Eterno não contou não, Bento?

(Silêncio.)

(Bento irônico.)

BENTO

Fiquei surdo nesta hora. Surdo!

(Miguel se torna feroz.)

(Bento sai correndo pelas dunas como um menino travesso, mas para ao ver os ovos de pássaros.)

MADALENA

Cuidado!

(O pai agarra Bento pelo pescoço. Espreme com força progressiva, por trás, o pescoço do rapaz, que vai sendo baixado até que sua cara esteja enterrada na areia.)

PAI

Quanto mais alegria tem, mais raiva me dá. É quase uma “comichão”.

BENTO

Quero ir embora daqui.

PAI

Só quando for homem. Ainda é rapaz. Dezoito anos como manda a lei.

BENTO

Que lei?

PAI

A mesma que vai te fazer subir naquele monte de areia, e perguntar à voz quando o desgraçado do Malaquias vai embora.

BENTO

Não é assim que funciona, pai.

PAI

Pois vai ser hoje! A voz vai acontecer do modo que mando.

(A cara do rapaz está espremida na areia junto aos ovos.)

(A mãe e a filha caladas.)

PAI

Vai ser assim: antes de chover. Olha para o céu. Não vê?

(Bento levanta os olhos.)

PAI

O céu vai se rachar! Vai vir uma tempestade: areia para todo lado. As dunas mudando de lugar. Um vento mexendo nas areias para ninguém se achar. E Bento, o estropício que fala com o Eterno, no meio do nada, esperando que a voz diga quando Malaquias vai embora! Quero saber quando o desgraçado vai voltar para onde veio!

(A cabeça do rapaz é enterrada na areia pela mão do pai.)

(Instantes.)(Cai a luz.)

(Som de tempestade sobre as dunas, e o mar toma conta.)